

CADERNOS
RAIZ.
DA QUESTÃO

2

9/25

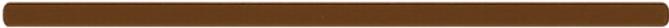
ILÊ OBÁ OGUNTÊ

150 anos do Nagô no Recife

RAUL LODY



RAUL LODY
fotos JORGE SABINO



**ILÊ OBÁ
OGUNTÉ**



SEITA AFRICANA OBÁ OMI (1875-2025)
150 anos do Nagô no Recife

RAIZ.
LIVROS

Lody Raul
ILÊ OBÁ OGUNTÉ
SEITA AFRICANA OBÁ OMI (1875-2025)
150 anos do Nagô no Recife

RAIZ livros - Independently published

Capítulos:

A Casa de Pai Adão – Opeatanã

Em 2025, celebramos os 40 anos do tombamento do Ilê Obá Ogunté pelo Estado de Pernambuco

A Gameleira Sagrada – Um monumento da natureza no Sítio de Pai Adão

Etnografia do Terreiro Obá Ogunté – Seita Africana Obá Omim – Sítio de Pai Adão

1. Calendários de Festas

2. Espaços Arquitetônicos

3. Árvores Sagradas

O autor e o fotógrafo

©Raul Lody, 2025, texto

©Jorge Sabino, 2025, fotografias

©Josenildo Freire / acervo Fundaj, fotografias da cerimônia tombamento

©Revista Raiz, 2025, artes e capa

RAIZ – Cultura Brasileira – raiz.art.br

Rua Laura Maiello Kook, 1.550

CEP 18052-445

Sorocaba – SP

Esta obra é protegida por lei. Não pode ser reproduzida no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado, incluindo fotocópia ou xerocópia, sem prévia autorização do autor. Qualquer transgressão à Lei dos Direitos do Autor será passível de procedimento legal.

RAUL LODY
fotos JORGE SABINO



**ILÊ OBÁ
OGUNTÉ**

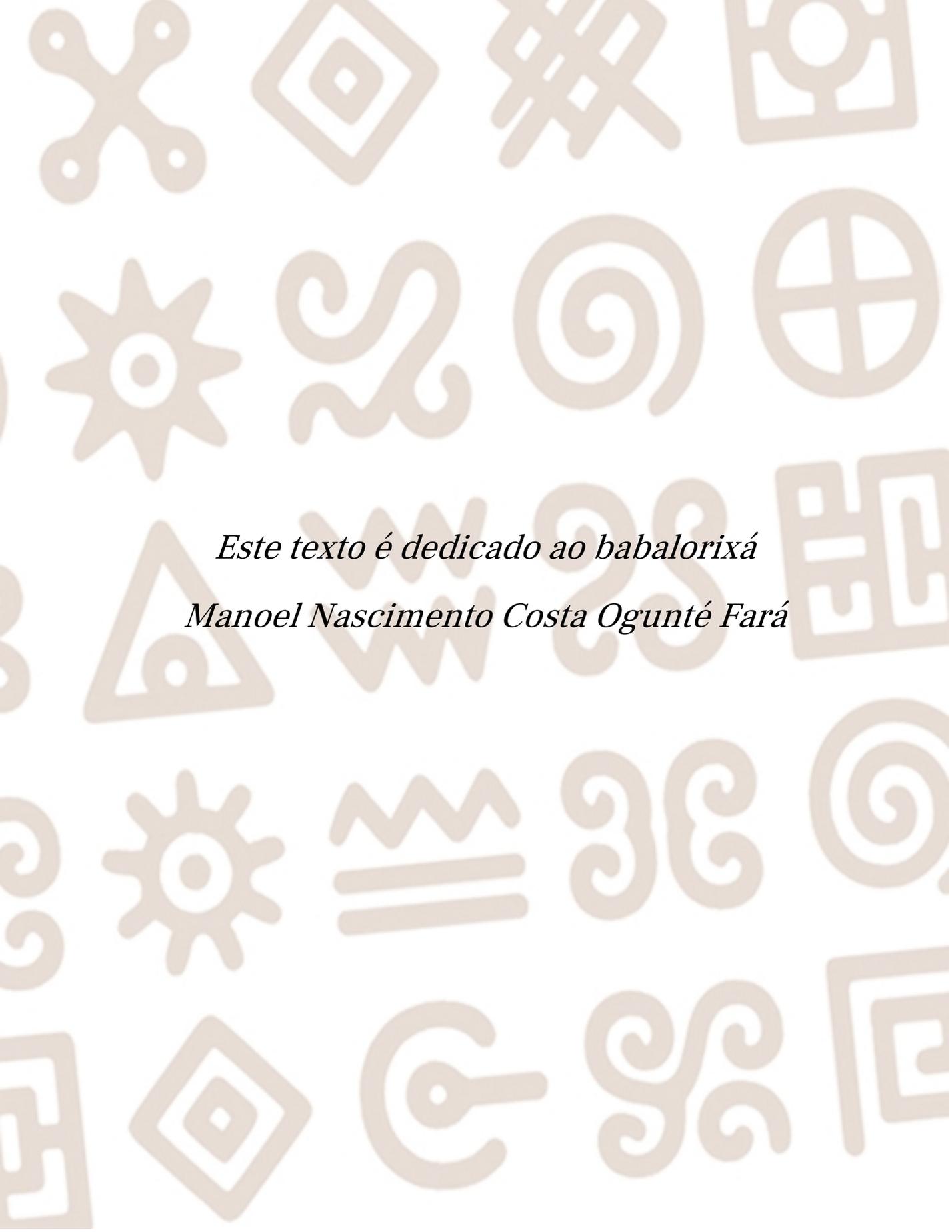


SEITA AFRICANA OBÁ OMI (1875-2025)
150 anos do Nagô no Recife

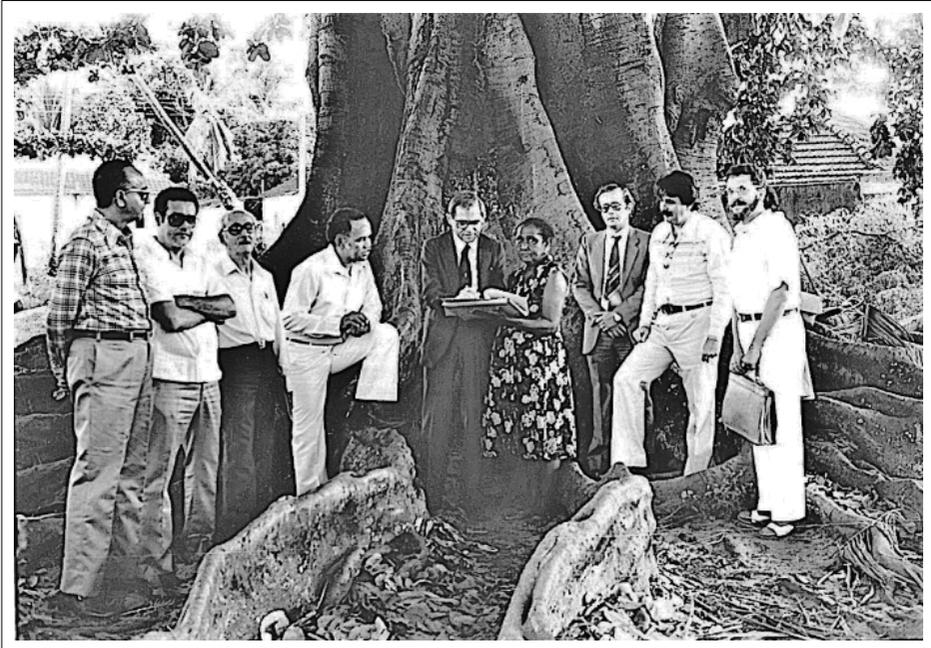




Sítio do Pai Adão



*Este texto é dedicado ao babalorixá
Manoel Nascimento Costa Ogunté Fará*



*Assinatura de tombamento do terreiro sob a gameleira sagrada, 1985
foto Iosenildo Freire / acervo Fundai*

ÍNDICE

A Casa de Pai Adão – Opeatanã	11
Em 2025, celebramos os 40 anos do tombamento do Ilê Obá Ogunté pelo Estado de Pernambuco	21
A Gameleira Sagrada – Um monumento da natureza no Sítio de Pai Adão	23
Etnografia do Terreiro Obá Ogunté – Seita Africana Obá Omim – Sítio de Pai Adão	29
1. Calendários de Festas	30
2. Espaços Arquitetônicos	40
3. Árvores Sagradas	45
O autor e o fotógrafo	48





A Casa de Pai Adão – Opeatanã

O Sítio, terreiro Obá Ogunté, é um conjunto de construções e de espaços sagrados destinados ao culto dos orixás, seguindo o modelo litúrgico Nagô, genericamente conhecido com Iorubá, mantendo um elenco de divindades que são perpetuadas pela ortodoxia dos rituais, onde se destaca, entre as muitas cerimônias, o chamado Presente de Iemanjá ou Panela de Iemanjá.

O terreiro é consagrado a Iemanjá, divindade das águas do mar. Une-se, assim, a realidade da cidade do Recife, entrecortada de rios e com um litoral atlântico, com o patronato de Iemanjá. As águas compartilham o cotidiano do recifense, e Iemanjá também está presente nesse cotidiano indivisível do sagrado e do profano.

O terreiro é o local das reuniões, e onde são reativados os laços de parentesco de santo, os laços de parentesco consanguíneo, e também são mantidos todos os elos necessários ao culto dos orixás; suas liturgias, suas festas, comidas, danças; música vocal, música instrumental, indumentárias, vocabulários; posturas hierárquicas, sistemas de poder, processos adivinhatórios, medicina, ludicidade; enfim, é o local onde a memória afro-brasileira é aquecida através dos rituais, que podem ser diários e cíclicos.

O terreiro é ainda espaço físico destinado á guarda das crianças e dos idosos. Percebe-se uma organização assistencialista latente no próprio sistema de poder do terreiro. Tudo gira em torno da hierarquia. Os mais velhos que sabedores de rituais, e conhecedores das histórias, são muito respeitados; por sua vez, as crianças são encaminhadas aos saberes da música, dança, brinquedos, histórias, tendo sempre a referência básica do orixá no seu domínio, seu patronato, sua ação direta na vida do homem.

O espaço público – salão – barracão de festas, obedece ao rigor da arquitetura original, o mesmo acontecendo com os compartimentos germinados ao barracão, como a cozinha, a sala de visita e quartos. Também, há a capela, aos moldes católicos, e o *peji*, o local mais sagrado dos compartimentos, completam o conjunto de

habitações do terreiro. Algumas casas de taipa existem afastadas do núcleo religioso, são moradias das pessoas do próprio terreiro.

Nesse amplo conjunto de espaços sagrados, destaca-se a fitolatria como outro significativo momento religioso do culto aos orixás. Aí se vê a gameleira ou o *pé de Iroko*.

Iroko, divindade que habita o tempo, é o próprio tempo meteorológico e cronológico, é o senhor da gameleira, árvore de grande respeito por parte dos adeptos do terreiro.

A gameleira é uma árvore sagrada e rara. No Recife, é este o único terreiro que possui e que mantém os preceitos rituais do culto ao orixá Iroko. Ainda no campo da fitolatria, observa-se no terreiro as ervas litúrgicas, plantadas em jardim especial, contendo as principais folhas dos rituais, aquelas usadas nos *amassi*; nos abôs, nos banhos, nos sacudimentos; nas feitura de Iaôs, também para os remédios mais simples e para os adornos do peji e do barracão de festas.

Dessa maneira, cada elemento dos rituais tem um significado prescrito, há um conhecimento especial da comida, da música, das folhas, das passagens da iniciação; e para cada controle há um nível de conhecimento, há um cargo específico, determinado no complexo da hierarquia sociorreligiosa.

Esses cargos têm iniciações específicas e são ocupados por pessoas escolhidas pelos orixás, e que também por vínculo

familiar têm uma tradição da ocupação de determinados cargos no terreiro. Isso é comum com os ogãs, músicos, com os Olossães, sacerdotes de Ossãe – divindade das ervas litúrgicas e medicinais.

O terreiro é organizado para o culto dos diversos orixás, cada um deles com aspecto próprio, estabelecendo seus gostos e preferências por cores, materiais, formas, músicas, danças, alimentos.

Os objetos rituais carregam a marca dos orixás, e, para atender ao elenco de objetos que compõem a cultura material dos terreiros, existem aquelas pessoas que se dedicam ao artesanato de ferramentas de santo, objetos de assentamento; confecção de *ilus*, instrumentos musicais; costureiras que fazem as roupas dos santos, enfim, equipes artífices, conhecedores dos rigores e gostos dos orixás, suas marcas visuais, texturas preferidas, objetos necessários.

Aí, notam-se alguns artesãos-sacerdotes, visto o alto significado dos objetos para a religião, sua ocupação nos pejis, sua sacralidade por meio de rituais específicos.

O sincretismo religioso afro católico é outro aspecto decisivo na organização modelar de terreiro. O santo católico e sua ligação com o deus africano é íntima no processo desculturação da mitologia africana, no caso, a Ioruba. Assume, então, o santo

católico lugar comum do orixá, e, em muitos casos, no pensamento religioso dos terreiros, é indispensável o santo do orixá.

São muitas as comidas que formam os cardápios dos orixás. São comidas especialmente preparadas pela iabassê, mulher iniciada, preparada para alimentar os deuses e a comunidade do terreiro.

Cada ingrediente, tempero, quantidade, técnica culinária, e estética do prato, tem um significado, e assume um valor na liturgia da alimentação. É tradição nos terreiros comer bem, e muito, pois a fartura das comidas é uma marca do sentido de que a natureza é capaz de prover e de nutrir os homens. Nutrir também os orixás com os seus pratos especiais.

Sem dúvida, há uma comunicação intensa entre as cozinhas dos terreiros e as cozinhas das casas; entre os cardápios do cotidiano e o cardápio das festas.

Nesses muitos e variados cardápios estão as comidas de dendê, o uso de temperos tradicionais africanos como o atá ou ataré que é a pimenta da costa; os frutos, obi e orobô; e as favas lelecum e bejerecum; o quiabo e o inhame, também africanos. Produtos nativos, da terra, como o milho, a mandioca, o feijão; carnes de diferentes animais; e produtos do mar, especialmente o camarão; unem-se aos temperos para formar comidas saborosas,

pois a maioria das comidas dos orixás são as mesmas partilhadas pelos homens.

Um exemplo de comida ritual que pertence ao orixá Xangô é o begueri, prato feito à base de quiabo, camarões secos, azeite de dendê, carne de boi e muita pimenta. Este prato é servido numa gamela redonda de madeira.



Capela de Santa Inês

Gilberto Freyre se lembra de Adão, Pai Adão, conhecido no Xangô de Pernambuco como Opeatanã, e Oxirê Obá, e com o cargo de Alapinim, e que teve os seus ensinamentos em Lagos, Nigéria, em 1906, terra dos Iorubá. Tornou-se lá um grande sacerdote e conhecedor das tradições e dos saberes que identificam os territórios do Xangô pernambucano, e que se espalharam pela sociedade afrodescendente.

“Adão: o grande babalorixá do Fundão, subárea do Recife (...) na qual viveu Adão, de volta da África, a vida inteira, sem mudar sequer de casa – nem de casa nem de profissão – ao contrário de borboleteantes ioiôs brancos que em tantas casas residiram na mesma época. Conheci de perto o velho babalorixá de quem fui, repito, amigo íntimo. Mais de uma vez almocei à sua mesa de sacerdote que tinha a dignidade de um bispo. Quis escrever-lhe a biografia de perfeito afro-brasileiro. Sua morte impediu a realização, ou tentativa de realização, da biografia planejada; e para a qual cheguei a tomar notas como que taquigráficas de conversas. Seria ela trabalho de caráter menos histórico-social que psicossocial, embora igualmente sociológico nas suas pretensões. Seria menos histórico-social e mais antropológico-social por ter de basear-se principalmente em documentos pessoais orais, colhidos

da boca do próprio biografado e de seus filhos, parentes, amigos, colaboradores, inimigos, rivais. (...)”.

(Freyre, Gilberto. Pessoas, coisas & animais. Editora O Globo, 1981:44-47)

Notadamente no Terreiro Obá Ogunté, Nossa Senhora da Conceição é Iemanjá, passando a ser unificadamente uma divindade sincrética, a Nossa Senhora, a mãe, Iemanjá a mãe mítica da qual nasceram todos os orixás, após o incesto de Orungã, o ar, seu filho.

A presença unificadora da maternidade caracteriza a santa e o orixá. Os domínios das águas, fonte da vida, fertilidade, tonificam a personalidade do novo personagem sincrético, havendo necessidade de revitalização dos rituais através dos cultos públicos às águas. Assim, é um constante voltar aos rios e às praias, é a íntima ligação vida e culto.

É decisivamente o santo católico e o orixá, juntos, se apresentando como única divindade. Dessa maneira, 8 de dezembro é a festa de Iemanjá, dia de Nossa Senhora da Conceição. Culminam aí as comemorações com a festa pública no terreiro, quando é organizado o presente, a panela de Iemanjá; contendo perfumes, comidas, espelhos, fitas, sabonetes e muitas flores; o

cortejo ritual sai do terreiro, indo até um local determinado para a entrega do presente nas águas.

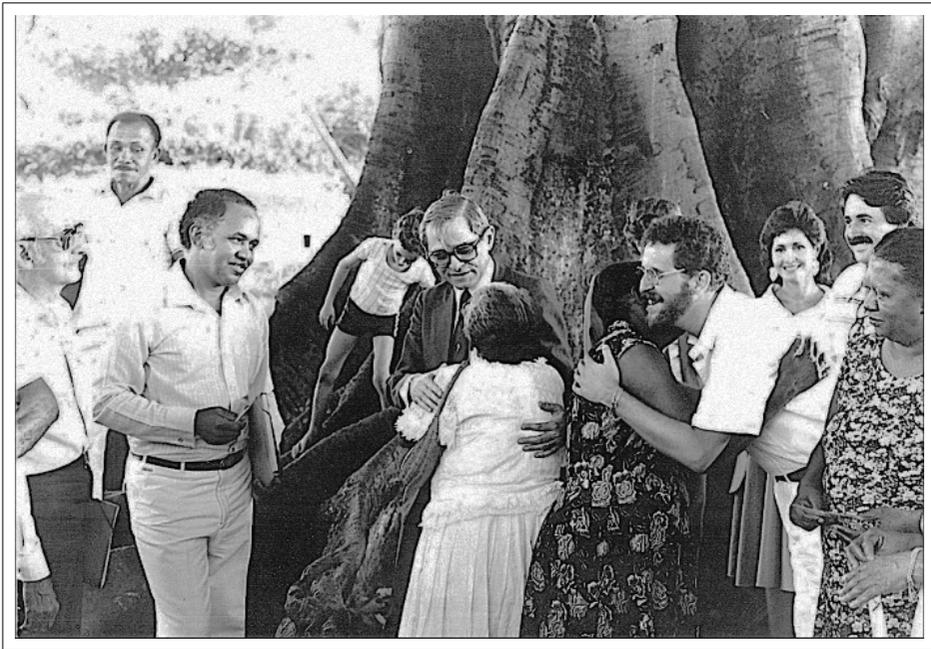
Todos os Pais e Mães de Santo antigos do Recife afirmam que o costume de oferecer a panela de Iemanjá foi iniciado por Pai Adão, Terreiro Obá Ogunté, daí seguindo todos os terreiros filiados nas gerações de filhos de santo que, após os períodos de iniciação, têm aptidão para abrir sua casa, ou seja, o novo terreiro; no entanto, os vínculos com a matriz são eternos.

Dessa forma, no Recife, o Terreiro Obá Ogunté é o primeiro a fazer o seu presente, panela de Iemanjá, o que é seguido por ordem hierárquica dos terreiros filiados; não havendo coincidência de datas, há uma preparação de calendário: primeiro, o Sítio, depois, os terreiros filiados mais antigos, e assim sucessivamente.

Além das práticas públicas, como a panela de Iemanjá, destacam-se os rituais privados, onde tomam parte os iniciados e os convidados de total confiança da casa; dessa forma, são mantidos os preceitos fundamentais, ou seja, são reativados os elos dos orixás com os iniciados e com o próprio terreiro.

Os atos do *ossé*, limpeza, os sacrifícios de animais, as comidas; os preceitos sexuais, as abstinências de alimentos e bebidas, o uso de roupas brancas às sextas-feiras, condicionam os comportamentos e os rigores do culto ortodoxo e da

consciência dos significados de cada ato, de cada gesto, de cada postura diante do orixá; num verdadeiro estabelecimento de linguagens próprias, em que o deus tutelar patrocina os rituais no terreiro, estendendo-se na própria vida, nas relações sociais comuns e no cotidiano das pessoas.



Cumprimentos na cerimônia de tombamento do terreiro sob a gameleira sagrada, 1985 - foto Josenildo Freire / acervo Fundaj

Em 2025, celebramos os 40 anos do tombamento do Ilê Obá Ogunté pelo Estado de Pernambuco

“É o 2º terreiro a ser tombado no Brasil e o 1º em âmbito estadual”

O Terreiro Obá Ogunté seita africana Obá Omim, popularmente conhecido como o *Sítio do Pai Adão* é a primeira Comunidade/Terreiro tombada no Brasil a nível estadual e isso ocorreu pelo Governo do Estado de Pernambuco por meio do Decreto 10.712 de 5 de setembro de 1985. É a primeira

Comunidade/Terreiro do Xangô, sistema etnocultural de matriz africana a ser tombado enquanto Patrimônio Cultural.

Declaro estar honrado em ter solicitado este tombamento e de ter instruído o processo com conteúdo socioculturais e antropológicos sobre o Xangô de Pernambuco.

Caso anterior se deu com o Terreiro de Candomblé da Casa Branca, Ilê Iá Nassô, Salvador / Bahia (1981, IPHAN Nacional).

O Terreiro Obá Ogunté segue o modelo chamado Nação Nagô-Egbá, preservando memórias e identidades desse grupo Egbá ou Ebá, procedente da Nigéria, África Ocidental.

O *Sítio* é reconhecido no Recife, Pernambuco, e na região como uma casa matriz, de onde nasceram muitas outras casas de Xangô, preservando importantes referências e patrimônios afrodescendentes.

Na comunidade-terreiro há um forte sentimento e desejo de manter, de comunicar e socializar suas histórias enquanto importante lugar no Recife, de onde tantas outras manifestações culturais como: Coco; Acorda Povo; Maracatu Elefante e Leão Coroado, têm suas mais profundas relações sociais e religiosas.



A Gameleira Sagrada: Um monumento da natureza no Sítio de Pai Adão

As minhas muitas experiências com as religiões de matriz africana no Brasil, e no continente africano, fazem com que eu pense nas profundas conexões que existem entre as árvores, a vida, o cotidiano, o sagrado e os lugares sociais das pessoas.

As árvores têm um amplo texto memorial e ancestral que permanentemente dialoga com as comunidades de terreiro, com o povo do Santo. Assim, quero trazer como tema a gameleira localizada no terreiro Ilê Obá Ogunté – Seita Africana Obá Omi – popularmente conhecido como o Sítio ou Sítio de Pai Adão.

Conheci esta gameleira quando visitei pela primeira vez o Sítio em 1969, e a chegada foi muito suave e sensível, pois logo fui convidado a visitar, cumprimentar a gameleira. Esta gameleira, árvore sagrada, sempre marcou o cotidiano e os grandes momentos ritualizados do Sítio. Inclusive o ritual da assinatura do livro de Tombo do Patrimônio Cultural do Estado de Pernambuco, em 5 de setembro de 1985, quando esta comunidade terreio foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Estado de Pernambuco, o que ocorreu sob esta grande árvore que é testemunho da história da própria comunidade.

No decorrer do tempo social, cultural e ideológico, e com ampliação dos movimentos de intolerância religiosa, de racismo religioso, sempre marcados por extrema violência, esta árvore é incendiada. E esta foi uma ação imoral, ilegal, de desrespeito aos direitos pela liberdade religiosa conforme a nossa Constituição. Mesmo o Sítio sendo tombado, e com as garantias constitucionais do Estado de Pernambuco, enquanto patrimônio deste Estado, a gameleira, este símbolo tão significativo da comunidade religiosa do Sítio, foi vítima desta profunda intolerância.

Contudo, o que é verdadeiramente sagrado transcende estas ações de violência e de intolerância. Porque o solo é sagrado, porque a tradição e a memória são as bases da unidade da

comunidade. Porque o sentimento de resistência é muito maior, e mais coeso, na recuperação e na preservação desse amplo e rico entendimento do sagrado.

E mesmo que não haja mais a presença física da árvore, é ali permanentemente representado a sua existência tanto no espaço quanto na memória da comunidade. E esta ideologia social e religiosa do terreiro fortalece todos os aspectos de defesa contra todas as ações de intolerância.

Desse modo, a grande sabedoria tradicional e coletiva do terreiro permanece no entendimento e na valorização de todos os símbolos da natureza, todos os símbolos sagrados que representam os orixás, que fundamentam as grandes relações religiosas de uma identidade partilhada por todos.

Formam-se muitos sentimentos de pertença, e com isso permanece um profundo entendimento das religiões de matriz africana de que o sagrado está sempre ligado a natureza. São entendimentos de valorização do meio ambiente, e suas muitas representações nos contextos sociais e litúrgicos dessa ampla e diversa afrodescendência.

Certamente, cada árvore é um testemunho, uma história; é uma profunda conexão com a terra, com a água, com o ar, com o dia

e a noite, com o sol e a lua. Tudo na natureza tem uma função e um sentido, e este forte entendimento faz construir uma ideologia de preservação, de respeito.

São diferentes usos que chegam da natureza, o que é preciso para se vestir, para comer, para construir, para interagir com os espaços naturais de forma ancestral, é o homem e a sua base telúrica.

Dessa maneira, constrói-se um longo processo de preservação da natureza, porque a natureza é sagrada, todos os seus elementos materiais são sagrados; a folha, a pedra, a água; os animais da terra, das águas e do ar; e tudo mais que possa conectar estes elementos com os muitos diversos usos do cotidiano, nas festas, na religiosidade.

Nestes tão diversos e complexos ambientes da natureza que são interpretados pelo sagrado, destaque para as árvores, pois algumas são interpretadas como orixás, voduns, inquices, e recebem culto religioso, e liturgia especiais, conforme a história de cada divindade, do tipo de árvore em que ela habita, ou seja, a árvore a própria divindade.

Assim, alimentar as árvores com cardápios especiais, realizar música e dança em diferentes rituais, trazem as memórias coletivas

dos diversos segmentos das comunidades-terreiros, e isto é afirmar identidade e pertencimento as tradições de matriz africana.

Essas árvores são identificadas com os ojás, longas tiras de tecido, geralmente branco, que vestem os troncos; e ainda diferentes louças de barro, como alguidares, najés, quartinhas entre tantos objetos são postos na árvore. Pode-se entender que cada árvore sagrada é como um verdadeiro monumento da natureza, um monumento verde que faz a ligação entre o mundo dos homens e o mundo das divindades. A natureza representada em cada árvore, é uma síntese da própria natureza.





Interior da Capela de Santa Inês

Etnografia do Terreiro Obá Ogunté

**Seita Africana Obá Omim –
Sítio de Pai Adão**





Calunga vestida para a festa de Iemanjá

1. Calendários de Festas

Embora seja crescente uma consciência étnica, uma valorização da matriz africana, no caso Nagô Egbá, a tradição do calendário de festas segue indicações de datas de alguns Santos Católicos que têm por longo tempo relacionado a Igreja ao Xangô pernambucano, numa orientação de datas conforme os chamados “Dias dos Santos”.

Assim, os orixás que compõem o conjunto de deuses/divindades do Sítio de Pai Adão, Sítio, são lembrados e celebrados por meio de diferentes rituais festivos.

Destacam-se os rituais públicos no Sítio e, ainda, os rituais públicos em áreas extramuros da comunidade/terreiro, como nas praias ou nos rios, por exemplo. Ainda, outros rituais realizados no Sítio são de caráter secreto, e exclusivo aos membros iniciados, ou para convidados especiais.

As festas públicas do Sítio ocorrem no “Salão” ou “Barracão”, área aberta ao público, para convidados e membros de outros

terreiros. Nesse local são realizadas as danças rituais dos orixás, são realizados, também, os toques que são os polirrítmicos executados pelos *ilus*, agogô, e cabaça, que se integram aos cânticos, geralmente em língua Iorubá.

As cerimônias secretas ocorrem no Peji – santuário – ou, ainda, nas árvores sagradas que também representam os orixás.

O Ciclo Festivo, calendário litúrgico do Sítio, começa com Ogum, orixá guerreiro, aquele que ensinou o homem a construir ferramentas agrícolas e armas, sendo considerado um orixá inaugural e de grande popularidade, São Jorge é o santo católico que o identifica no Sítio e, assim, no dia 23 de abril, ou em data próxima, as festas são iniciadas, como de costume, com os rituais secretos no Peji, com o oferecimento de comidas, cânticos especiais, e *orikís* que são os textos sagrados entoados, e que tratam da história do orixá e das suas características, geralmente aproximando-se das características humanas. Pois, no Xangô há uma profunda humanização dos orixás, trazendo, desse modo, o sagrado para cotidiano das pessoas.

Como acontece com os demais orixás, Ogum é cultuado publicamente no Salão com toques, cânticos especiais, danças e indumentárias. Cada orixá tem objetos próprios que os identifica, são as chamadas “ferramentas”, no caso de Ogum é a espada, o

facão, e as ferramentas agrícolas. São peças feitas em ferro e as suas cores votivas são o vermelho e o verde, ou então o azulão.

Na sequência do calendário litúrgico do Sítio está o Ciclo Junino que reúne, para a região Nordeste, santos de grande devoção popular como: Santo Antônio, São João e São Pedro.

O mês de junho assume um forte sentido religioso tradicional, o que é testemunhado nas festas familiares e domésticas com as trezenas, as fogueiras, e uma diversificada culinária a base de milho e coco. Certamente, o Sítio integra-se a esse contexto e, especialmente, comemora São João, santo católico que é interpretado como o orixá Xangô.

Assim, a comunidade/terreiro realiza a chamada Bandeira de São João, cortejo público que ocorre nas ruas próximas ao Sítio, integrando, ainda, fogueira e comida, onde também estão os licores de frutas feitos artesanalmente.

Xangô é o fogo, a justiça, e é um rei. Segundo os orikis ele é um Alafim, título de nobreza de Oió, território Iorubá na Nigéria.

Xangô é um orixá muito popular, e seu nome também identifica o modelo religioso de matriz africana em Pernambuco – o Xangô. Como acontece a designação de Candomblé para a

Bahia, Mina para o Maranhão, e Batuque para o Rio Grande do Sul, por exemplo.

O principal símbolo que identifica o orixá Xangô é o machado duplo - oxê -, tradicionalmente confeccionado em madeira. Alguns oxês são antropomorfos, outros são pintados nas cores vermelho e branco, cores votivas do orixá.

Também, Xangô é comemorado publicamente no Salão com toques, danças, cânticos e indumentárias especiais. É, ainda, oferecido ao orixá, em gamela de madeira, o “beguiri”, prato da predileção de Xangô, que é uma receita feita com quiabos, azeite de dendê, pimenta, e carne bovina.

O mês de julho é dedicado a padroeira do Recife, Nossa Senhora do Carmo. Santa católica que é relacionada ao orixá Oxum que representa a água doce dos rios, das cachoeiras e, em especial, dos rios Capibaribe e Beberibe.

Oxum é o orixá da beleza, do ouro. Identificada pela cor amarela, dourada, sendo lembrada nos *orikis*, como uma das mulheres de Xangô, dona do rio Oxum na Nigéria; e, também, relacionada a maternidade.

No Salão as festas acontecem para comemorar Oxum, que exhibe como ferramenta o “abebê”, um tipo de leque circular feito em latão, ou outros metais.

Oxum é, ainda, reverenciada com cerimônias públicas nos rios, com o oferecimento da chamada “Panela”, conjunto de presentes, objetos relacionado ao orixá, geralmente recebendo muitas flores amarelas; perfumes, objetos de adorno como: brincos, pulseiras, colares, além de comias especiais, feitas com azeite de dendê.

A Panela é oferecida às águas dos rios ao som de cânticos especiais, em língua Iorubá, e demais saudações a esse orixá profundamente identificado com a cidade do Recife.

Oxum é um tema dominante nos tradicionais maracatus de baque-virado do Recife, sendo representada como “calunga”, boneca ritual que homenageia esse orixá tão integrado ao imaginário de matriz africana da cidade.

O mês de agosto é dedicado ao orixá Exu, o primeiro orixá a ser reverenciado nas comunidades/terreiros, reconhecido com aquele que está em todos os lugares. No *orun* – céu –, e no *ayê* – terra. Ele fala todas as línguas, come todas as comidas. Por isso, é o

mensageiro, o interlocutor entre os homens e os orixás, e, entre os orixás e os homens.

O principal símbolo de Exu é o tridente, feito em ferro. Ou, ainda, um bastão fálico chamado de *ogó*, geralmente acrescido de búzios, cabacinhas, e outros objetos.

O vermelho e o preto identificam o orixá. A farofa de dendê é um dos seus principais alimentos. Exu recebe como os outros orixás, o toque, os cânticos, as danças, e as indumentárias próprias, no Barracão ou Salão.

O mês de setembro é dedicado aos santos gêmeos, ainda, tendo como referência o calendário católico, quando se comemora São Cosme e São Damião. São as festas dos terreiros que se unem as devoções familiares no oferecimento de doces de diferentes formas, estilos e sabores. No Sítio há o Caruru, uma obrigação religiosa por meio de oferecimento de uma comida feita à base de quiabos e azeite de dendê.

Os santos gêmeos da Igreja são relacionados as divindades infantis e gêmeas dos Iorubá, chamadas *Ibejis*, representando a fertilidade e protegendo as mulheres grávidas e as crianças.

Objetos em miniatura representam os Ibejis, que têm profundo relacionamento com os orixás Xangô, Iansã e Oxum, pois,

a mitologia Iorubá organiza os orixás por características e aspectos funcionais, aproximando-os sempre das características humanas.

Em 4 de dezembro, no dia de Santa Bárbara pela Igreja católica, anuncia-se um Ciclo de festas ao orixá *Oyá* ou Iansã, que é celebrada com os acarajés. Nas comemorações do Sítio, em suas festas públicas, há forte adesão das mulheres, visto que o orixá, segundo os orikis, dá um espaço especial ao gênero feminino, e valoriza o trabalho e a liberdade da mulher.

Os principais símbolos de Iansã estão na espada de cobre ou alfanje, e em um tipo de espanador de cabo de madeira ou de metal, feito com rabo de boi, e que é chamado de “eruexim”, com o qual o orixá comanda os Eguns – mortos –, fazendo, também, os ventos, as tempestades, e os relâmpagos no céu.

A cor vermelha identifica Iansã nas suas indumentárias, recebendo como os demais orixás o toque, cânticos e danças especiais.

Ainda no mês de dezembro comemora-se uma santa de grande devoção popular no Recife, e que para o Sítio, em especial, identifica o orixá Iemanjá, que segundo as tradições orais é o orixá fundador do Sítio, e, dá a linhagem de poder religioso que

permanece até hoje. Fala-se de Nossa Senhora da Conceição, celebrada em 8 de dezembro.

Os mitos de origem do Sítio estão no culto e nas características do orixá Iemanjá, orixá que é relacionado a Nigéria, continente africano, ao rio Ogun; e, no Brasil, o Sítio estende o culto aos oceanos, ao mar, ao litoral do Recife. Iemanjá é para o “Terreiro Obá Ogunté – Seita Africana Obá Omim” a grande relação entre Pernambuco, o Recife e o continente africano.

O ciclo de festas de Iemanjá inicia-se com o “Presente”, cerimônia pública do Sítio que tem continuidade no mar, chamado “Panela” ou “Panela de Iemanjá”. Essa cerimônia oficializa o início das festas que são seguidas por muitos outros terreiros de Xangô descendentes do Sítio, pois segundo o costume: “as festas sempre são iniciadas pela casa matriz ou terreiro matriz do Nagô do Recife.

No Salão do Sítio, as festas públicas de Iemanjá são identificadas no uso das cores do orixá, azul e branco, e no seu principal símbolo que é uma peça feita de metal prateado, uma haste com uma meia-lua e uma estrela na extremidade, e, também no seu abebê prateado.

As obrigações precedem as festas públicas e ocorrem com o oferecimento de comida e com os orikis que são entoados no Peji.

Ainda no mês de dezembro, próximo ao dia de Natal, e segundo o calendário da Igreja católica, em 25 de dezembro é realizada uma obrigação muito especial, peculiar ao Sítio, é o oferecimento de comida no Peji ao orixá Orumilá, que é invocado pelos babalaôs para interpretar os vaticínios, e os aspectos da vida dos homens, sendo este ritual fundamental para o povo Iorubá, e na sua diáspora nas Américas e no Caribe.

Outras cerimônias públicas também integram o calendário religioso do Sítio conforme as datas de iniciações religiosas, rituais fúnebres, celebrações de obrigações cíclicas dos iniciados a 7, 14 e 21 anos, entre as demais ocorrências que vão além do calendário tradicional, que é cumprido anualmente.





Gameleira, a árvore sagrada

2. Espaços Arquitetônicos

Nos terreiros de matriz africana os espaços arquitetônicos são essencialmente funcionais e simbólicos. No caso do Sítio destaca-se o Salão ou Barracão, maior área edificada, servindo como local para as festas públicas, encontros e demais eventos que a comunidade realize. No Salão vê-se em destaque uma pintura mural que tem como tema uma sereia, que também representa o orixá Iemanjá, orixá- fundador do Sítio, e muito popular no Recife. Essa pintura encontra-se no local onde ficam os *ilus* – instrumentos de percussão membranofônicos. Instrumento sagrado do Xangô, como acontece também com o atabaque no Candomblé.

Nesse local também ficam os músicos, ogãs, especialmente iniciados para realizarem os “toques”, diferentes polirritmos que identificam cada orixá; e, ainda, realizam os cânticos, geralmente em língua Iorubá.

No Salão ficam bancos de madeira para o público, cadeiras para os convidados, e para os membros do terreiro que pertencem à

alta hierarquia. No Salão são realizadas as danças rituais dos orixás e demais cerimônias públicas.

Próximo ao Salão, num quarto, está um Peji chamado de “balé”, local especial para o culto dos Eguns, ancestrais africanos e ancestrais do terreiro. Destaque para outro Peji, que é espaço fundamental e central do terreiro, reunindo símbolos de vários orixás.

O Peji é um santuário coletivo onde os objetos são frequentemente sacralizados, em montagens simbólicas que formam os “assentamentos”.

Assim, no Peji estão representadas as ferramentas, as insígnias, tecidos nas cores votivas dos orixás, tigelas, alguidares, moringas de barro, pilões, ferros com desenhos especiais, entre outros materiais. É o local dos rituais secretos, sendo acessível apenas para os membros do terreiro e convidados especiais.

Outro espaço muito importante no terreiro é a cozinha, local onde são vivenciadas as comidas dos cardápios dos orixás; e, onde são preparados os animais que foram sacrificados nas obrigações, e, também são feitas as comidas que serão partilhadas entre os membros da comunidade/terreiro, convidados e o público em geral.

A comida é um tema fundamental em todos os rituais do Sítio. Rituais privados nos Pejis, rituais públicos no Salão.

No prédio principal há, ainda, uma pequena sala que introduz ao espaço Salão e ao Peji coletivo.

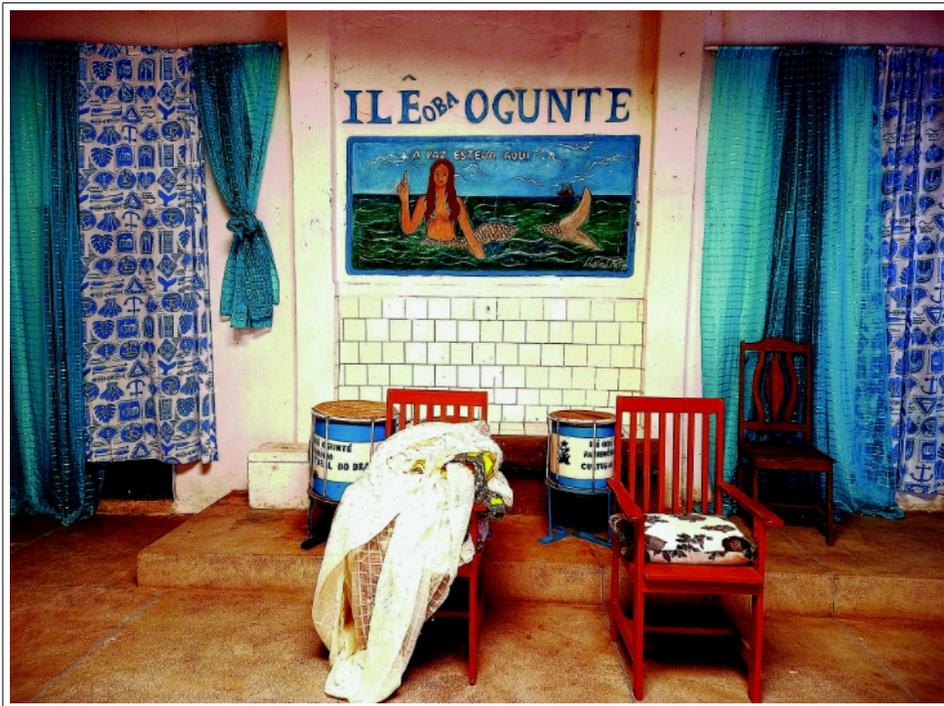
Destaque para a capela do Sítio, reprodução de uma capela católica, com altar em alvenaria e imagens, de gesso policromado, dos santos católicos: São João, Nossa Senhora da Conceição, entre outros. A capela chama-se Capela de Santa Inês, e integra-se a alguns dos rituais do Sítio como: as novenas, a festa da Bandeira de São João no ciclo junino, festa comum ao orixá Xangô.

Todos esses lugares sagrados compõem único conjunto arquitetônico. Embora cada um possua uma entrada própria, para que cada ritual seja particularizado, há uma relação simbólica e ritual entre cada espaço, que funciona para o cumprimento das liturgias da comunidade/terreiro.

Cada espaço tem um sentido na liturgia, e um complementa o outro na sequência de obrigações secretas e obrigações públicas.

O Peji do orixá Exu está localizado ao lado do portão de entrada da comunidade/terreiro, onde diferentes representações em ferro, cerâmica, e outros materiais identificam o orixá inaugural de todos os rituais do Sítio.

Todas essas construções arquitetônicas são em alvenaria, pintadas na cor branca, há nas portas e janelas o “mariô”, peça confeccionada da folha do dendezeiro, que funciona com proteção aos espaços sagrados. O piso é de placa cerâmica, as portas e janelas são de madeira, e o telhado com telha convencional.



Salão de festa do terreiro

3. Árvores Sagradas

Geralmente, os terreiros tradicionais ocupam áreas que possam abrigar não apenas as construções arquitetônicas necessárias a vida religiosa, mas também, especialmente, as folhas representadas em diferentes espécies botânicas para os mais variados usos e representações, pois, cada orixá tem um conjunto de folhas que o identifica. Há, ainda, as árvores sagradas, algumas como morada de certos orixás.

No Sítio destaca-se a centenária e magnífica Gameleira, árvore sagrada que representa o orixá Iroko. Local de culto religioso e integração com os demais lugares que fazem o sistema do Xangô: Salão, Peji, Capela, e outros espaços que têm usos específicos conforme a obrigação ou cerimônia do Sítio.

Há outra gameleira na entrada do Sítio, próximo a Capela, e ao terraço onde ocorrem encontros da comunidade.

Outras plantas compõem o imaginário de uma construção ritual perante a natureza, pois, as folhas, todas, são consideradas sagradas e têm uma função, um significado litúrgico, social e cultural para a comunidade/terreiro.



Calunga vestida para festa de Obatalá

Raul Lody, Recife, 26 de agosto de 2025.



O autor e o fotógrafo

RAUL LODY

Raul Lody é antropólogo, museólogo e professor brasileiro, responsável por vários estudos na área das religiões afro-brasileiras. Atualmente é um dos maiores especialistas em gastronomia, arquitetura, estética, ecologia e religiosidade no Nordeste brasileiro, especialmente em Pernambuco, usando a experiência de Gilberto Freyre, ponto de partida para suas pesquisas e escritos.

Raul escreveu uma centena de livros publicados e inúmeros artigos.

JORGE SABINO – Fotografia

Jorge Sabino, pernambucano, graduado em Artes Gráficas, com especialização em fotografia.

Atua desde 2006 em pesquisas de campo no Brasil com o tema “doçaria tradicional”, também desenvolve pesquisas visuais sobre “as rotas do Açúcar no Mediterrâneo,” tendo registrado em muitas viagens as regiões da Europa, África e o Oriente; realizou apoio à pesquisa para os livros: Brasil bom de boca; A Virtude da Gula, Águas de Comer, todos de Raul Lody. Assina com exclusividade as fotografias do Dicionário do Artesanato Popular Brasileiro, Ibep.



